OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

Será o sector social uma solução económica?

Casos de sucesso – de empresas, famílias e países – estão geralmente associados a valores que ultrapassam a disciplina e a racionalidade económica

Óscar Afonso

Para muitos, talvez a maioria, o mundo do Empreendedorismo, das Empresas, da Gestão e da Economia é frio, calculista, dominado pela concorrência e pela frieza dos lucros. A ideia preconcebida considera que, numa economia de mercado, quem não procede bem é eliminado, e quem é mais competente cresce, domina e adquire sucessivamente mais poder. A preocupação social no mundo ocidental seria então desajustada e estaria, por isso, muito longe da realidade.

Mas, quem estuda Economia e quem aprofunda casos de sucesso sabe que a análise fria e calculista não é rigorosamente verdadeira. Primeiro, os casos de sucesso – de empresas, famílias e/ou países – estão geralmente associados a valores que ultrapassam a disciplina e a racionalidade económica, passando, muitas vezes, também pelo (indecente) favorecimento público. Depois, é claro que os grandes avanços económicos, financeiros e empresariais são explicados pela maior e melhor capacidade de gerar colaboração entre pessoas, empresas e organizações. Finalmente, é necessário reflectir sobre o sector social, uma realidade que envolve o público e o privado, que não exclui o lucro, que acomoda todos e, porque promove o emprego e o crescimento económico, que é um instrumento para realizar finalidades humanas e sociais, já que sem o qual os avanços científicos, artísticos, culturais e sociais dos países seriam menos evidentes.

O sector social tende a ser sério, honesto, responsável diante dos riscos e desejoso de alcançar todos os que podem ser atingidos pelas suas decisões. É um sector que só faz sentido por ter os outros no centro das suas preocupações, que apoia cidadãos vulneráveis ou em exclusão social, que busca a competência para servir, que não abusa dos mais fracos e que não é obsessivo com o lucro. Dadas as preocupações, é necessariamente um sector que procura dar frutos, que envolve, que é exigente consigo e, nesse sentido, que é competitivo.

É ainda um sector cumpridor, que olha para as obrigações como dever cívico e, por isso, que promove a integridade nas relações comerciais, que paga os impostos devidos, que cumpre a lei, que recusa a corrupção, e que contribui para a coesão social e o saneamento das asneiras públicas induzidas por políticos malfeitores que, como sabemos, mais cedo ou mais tarde criam, de per si, um rasto de desemprego, miséria e pobreza. Mas, mais do que isso, pode ser um seguro a favor da democracia ao promover a igualdade social e económica e a participação de todos.

É, finalmente, um instrumento precioso de coesão territorial ao estar estar presente, quer nas zonas problemáticas de grandes centros urbanos, quer nos lugares mais remotos do mundo rural. As IPSS, as Misericórdias, as Cooperativas, as Mutualidades, as Associações de desenvolvimento local, de recreio e lazer, as Fundações e outras organizações, formam uma rede cada vez mais indispensável de sustentação da coesão territorial e desenvolvimento local.

Assim, sem desvalorizar toda a sofisticação e toda a relevância da análise tradicional, o carácter decisivo do capital emocional das organizações, o estudo do empreendedorismo social, a adesão espontânea a objectivos de responsabilidade corporativa e ao voluntariado, e o entusiasmo que hoje existe pela economia social são uma prova de amor, resumida no princípio simples de tratar todos como gostaríamos de ser tratados se estivéssemos no seu lugar. O futuro passará certamente pela importância crescente do sector social, promotor de uma democracia funcional, eficiente e moderna, com cada vez maior peso na criação de valor e de emprego, e promotor de uma melhor distribuição do rendimento, de cidadania, e de inclusão social e territorial.

Escreve à sexta-feira

OBEGEF
Observatório de Economia e Gestão de Fraude

Rodrigo Cabrita

A responsabilidade tradicional da economia social

SESSÕES CONTÍNUAS

LAURO ANTÓNIO

Um destino shakespeariano

Diz a lenda que um jovem cheio de ilusões e de bonita voz sonhava ser cantor e integrar o elenco dos grandes musicais. Por isso, um dia, ao ver anunciado um casting para "My Fair Lady" resolveu candidatar-se e mostrar o valor dos seus talentos. Quem o ouviu, ao que se sabe um encenador de nome Filipe La Féria, não terá encontrado no jovem os atributos necessários para o papel e não o contratou. O jovem ficou triste. Afinal aquela era a sua grande ambição. Destruída pela vontade de alguém que se arrogava o direito de dispor assim, sem mais nem menos, do futuro de cada um.

Ficou triste e zangou-se. Zangou-se cada vez mais, até idealizar uma vingança funesta. Se foi vítima de alguém que ele considerava um déspota, despido de sentimentos, ele também o iria ser, não à escala de um palco, na Rua dos Condes, mas de um país. Para isso seria necessário subir na estrutura do partido onde se encontrava filiado desde muito novo, ganhar as eleições para secretário geral, fazer a vida negra ao primeiro ministro em actividade até este cair em desgraça, ganhar as eleições legislativas, associar a sua voz à da tróica, mas ir muito mais além desta em austeridade, e impor a sua vontade acima de tudo e de todos. Tudo isto se revelou muito mais fácil do que interessar La Féria pela sua bonita voz, mas a vingança serve-se fria, e ele tinha a seu lado colaboradores que não o deixariam ficar mal.

O seu reinado, rezam as crónicas, foi de terror. Aumentou impostos em que tinha prometido não mexer, diminuiu ordenados, cortou a direito, e sobretudo à esquerda, e definiu prioridades que ninguém iria poder contestar. Se um tribunal dizia que não podia amputar as pensões, ele arranjava maneira de o fazer de outra forma. Se não podia cortar nos ordenados, ele metia-se por outra rua e ia dar ao mesmo desígnio. Se não queriam que vendesse os Mirós, ele arquitecta uma manobra para os vender quase à revelia.

"Se o La Féria me coarctou as asas do talento canoro, eu cá lhes irei cantar a todos (enfim, a quase todos) das boas e bonitas", pensou e fez. A tragédia pode ver-se no país, a comédia numa rábula no Teatro Politeama. Tudo muito shakespeariano.

Escreve à sexta-feira